

## EDITORIAL

*Enio Paulo Giachini*<sup>1</sup>

Neste número de Scintilla, apresentamos diversos temas como a desapropriação do eu n'alguns pensadores, como Eckhart, Bernardo e Agostinho, o tema da ética em Tomás de Aquino, coincidência dos opostos em Nicolau de Cusa, o que se pode ou não falar sobre Deus, a alma a partir de Avicena, disciplina no ensino.

Olivier Boulnoir explora o tema místico da não propriedade de si e dos bens exteriores, do eu ou do si-mesmo, passando sobretudo por Agostinho, Bernardo e Eckhart. Através do ocular de Musil, a superação do sujeito e do eu, através da experiência mística, passa pelo trabalho de desapropriação da vontade própria para viver da e pela vontade divina.

O belo texto do professor Jean Lauand faz uma breve introdução situando Tomás de Aquino em sua época; em seguida, apresenta sua concepção de Ética como o próprio ser do homem em seu processo de autorrealização (*ultimum potentiae*), no sentido profundo da sentença de Shakespeare “*To be or not to be: that is the question*”. Assevera-se que a longe de ser um “angelismo”, a antropologia de Tomás (e sua ética...) reafirma o valor e a dignidade da matéria e do corpo.

O Dr. Jasper Hopkins, professor emérito da Universidade de Minnesota, EUA, nos permitiu reproduzir um belo texto sobre a doutrina da coincidência dos opostos em Nicolau de Cusa. Como aparece nos tratados e diálogos, essa doutrina foi extensivamente examinada, mas não exaustivamente. Resta, entre outras coisas, ainda a tarefa de destacar os aspectos temáticos dessa doutrina à medida que aparecem nos sermões do Cusano. É o que se propõe esse texto.

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor de Filosofia na FAE Centro Universitário. *E-mail*: enio.giachini@bomjesus.br

Graziano Perillo discorre em seu artigo sobre a manifestação e discurso sobre Deus a partir de João Escoto Eriúgena. Sua menção denota um Deus não como relação entre causa e efeito na dinâmica do ser, enquanto ser criador, mas a uma inteligência criativa que age para se manifestar, denotando a relação entre signo e coisa significada. O Deus de Eriúgena é como um princípio que, sabendo-se incompreensível ao homem, revela-se no conjunto de suas consequências. Esse Deus só age fora de si para se manifestar, e só por suas manifestações pode ser conhecido.

Apresentamos igualmente um artigo que busca descrever implicações da alma na compreensão de Avicena, a partir da obra *Livro da Alma*. Ali, coloca-se em questão a problemática da existência da alma, sua definição, as suas faculdades e a ação sobre a matéria, entendida como corpo. Perfaz a análise clássica aristotélica no que respeita às qualidades da alma, a saber, as três espécies clássicas: alma vegetal, animal (percepção e movimento) e racional (humana).

Um texto de pseudo-Boécio que discorre sobre a disciplina e o modo de educação na Idade Média nos permite um vislumbre da disciplina e do empenho que se colocava na educação integral dos jovens na época.

Um texto de Hildegar de Bingen, traduzido, apresenta a visão de um jovem tomado pela busca de fama exterior. A visão mostra a contraposição entre a fama exterior e a habitação interior da alma com Deus. A infantilidade da aparência exterior faz com que não reflita sobre o que é celeste com alegria e que não tenha uma séria preocupação com o que é terreno. Em vez disso, ele só consegue ver no ciclo da natureza seu próprio ânimo vacilante e vazio. Nada para ele é objeto de atenção e cuidado, não organiza nada direito nem partilha com sentido. Ao contrário, resolve todas as coisas com sua inconveniência juvenil.

Boa leitura a todos.